

Terça-feira, 22 de novembro de 2005

## no mínimo **Entrevista**

### **POLÍCIA MATA MAIS QUE GUERRAS**

Vitor Szejder



Álbum de família

**Misse: "Remoção de favelas é uma questão anacrônica"**

O cidadão francês de classe média, branco, se opõe aos imigrantes de maneira análoga à que, no Rio de Janeiro, o morador do asfalto se opõe ao do morro. Em ambos os casos a polícia tem como suspeito preferencial o jovem pobre, de pele escura e morador da periferia. Nenhuma das sociedades demonstrou, até agora, vontade política para enfrentar o problema da integração dos seus excluídos. Como se comparam as chamadas "galeras" cariocas com as "galères" parisienses?

A droga é uma mercadoria econômica como outra qualquer, mas na medida em que os diferentes agentes do Estado oferecem proteção ao atacadista, e ganham por ela, a droga se torna também uma mercadoria política. Esta dimensão política não existiria se não fosse produzida por uma posição de Poder. É o caso, por exemplo, do policial ou agente penitenciário que avisa que haverá uma incursão numa favela, ou que faz extorsão aos bandidos.

Esses são apenas dois dos temas de "Crime e violência no Brasil Contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana" (*editora Lumen Juris*), livro que reúne artigos, ensaios e conferências publicados na última década pelo professor Michel Misse, do programa de pós-graduação de sociologia e antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ.

Morador de Copacabana, pai de três filhos, Michel Misse se preocupa mais com o trânsito carioca do que com o fantasma das balas perdidas. "A chance de ser atingido por uma bala perdida é de 5%. Portanto, há 95% de chances de não ser atingido. Muito maiores são os índices de violência no trânsito carioca, principalmente pela direção perigosa de jovens alcoolizados. À noite, acho mais seguro deixar o carro em casa e sair de táxi", diz ele nesta entrevista a **NoMínimo**.

**O livro aborda a exclusão social na França e a corrupção política no Brasil, em artigos escritos vários anos antes da eclosão da violência na periferia de Paris ou do surgimento das CPIs no Brasil. É coincidência ou premonição?**

Em ambos os casos são padrões que se repetem: o que há de novo é a acumulação e a maior visibilidade. Na Europa, e não só na França, sociólogos e políticos já estudaram e escreveram sobre o tema da exclusão social dos imigrantes de países árabes, do norte da África e da Turquia (*no caso da Alemanha*). Na França, especificamente, várias questões se superpõem e se acumulam: o anti-americanismo, o anti-islamismo, os imigrantes "sans papier" (*sem documentos*), a má-qualidade dos conjuntos habitacionais da periferia - dois dos quais já se haviam incendiado

Terça-feira, 22 de novembro de 2005

## no mínimo **Entrevista**

antes da eclosão dos conflitos atuais.

### **O que o governo francês tem feito para enfrentar esses problemas?**

Nos últimos dez anos não tomou nenhuma iniciativa. Na melhor das hipóteses, tapou os olhos; na pior, cresceu o pensamento da extrema direita, que busca a expulsão pura e simples dos imigrantes. Em nome da República, supõe-se que todos são iguais, quando na verdade não são. Nós, ocidentais, compreendemos que o Estado é laico; mas o muçulmano ainda tem uma forte crença na existência de um elo fundamental entre a religião e a vida. Não adianta forçá-los a mudar quando ainda estão inteiramente imersos nessa concepção, que é, aliás, a mesma que nós tínhamos até o surgimento da Modernidade.

### **O que deflagrou, então, a seu ver, o surgimento dessa revolta violenta?**

Sem oportunidades de trabalho, e sem motivação para procurar emprego, os jovens ficavam apenas "galerando", termo que na França designa um estilo de vida, ou um comportamento perambulante, segundo o excelente trabalho de François Dubet, "La Galère: jeunes en survie". No Brasil, a expressão "galera", que não consta ter sido importada, refere-se a grupos ou turmas concretos, relativamente organizados em torno de uma atividade comum, como o futebol ou o funk.

Na periferia de Paris, tudo começa quando, num clima já muito tenso, dois jovens, fugindo da polícia, se escondem numa casa de força e morrem eletrocutados. E por que fugiram tão desesperadamente? Por medo da polícia francesa, considerada uma das mais violentas do mundo.

### **Mais do que a brasileira, cuja violência é sobejamente conhecida?**

Há estudiosos que chegam a dizer que a França é um Estado policial.

### **Daí a revolta igualmente violenta?**

Não, nem sequer haviam se revoltado, ainda. Aí vem o ministro e fala "nessa escória", num discurso que revela tudo o que vinha sendo camuflado, e detona a revolta. Além do sentimento de humilhação, ficou claro que não havia política alguma para lidar com o problema da exclusão.

### **No entanto, mesmo com toda a violência da polícia francesa, até hoje não morreu nenhum jovem francês – com exceção, claro, dos dois eletrocutados na casa de força. Quantos são mortos a cada ano pela polícia brasileira?**

Com o surgimento do narcotráfico, a repressão policial tem sido intensa nos últimos dez anos, no sentido militar do termo. O volume de prisões e mortes no Rio de Janeiro é sem paralelo em lugar nenhum do mundo. A polícia do Estado do Rio de Janeiro mata uma média de seis mil pessoas por ano. Isto significa que, nos últimos dez anos, morreram mais jovens civis no Estado do Rio do que morreram soldados americanos em toda a guerra do Vietnã. Comparando-se de outra maneira: apenas na Cidade do Rio de Janeiro morrem mil civis por ano, enquanto que a polícia norte-americana mata 250 civis por ano - em todo o país. Nenhuma outra guerra moderna tem produzido tantos mortos.

### **Como se comparam as taxas criminais nos diversos países?**

Vamos pegar os homicídios como exemplo: nas grandes capitais européias, eles variam entre 2 a 4 por 100 mil habitantes/ano. No Brasil, vinte anos atrás, eram 17 por 100 mil; em 2004, estavam em 28 por 100 mil. Atualmente, apenas na cidade do Rio de Janeiro, são entre 45 e 50 por 100 mil. Já foi pior: em 1994, o índice era de 70 por cem 100 mil.

### **O senhor leciona para militares e policiais civis de várias patentes e escalões. Suponho que se incomodem com informações como essas...**

E como! Nas salas de aula, os policiais militares são enquadrados, preparados, estudiosos, sérios. Os delegados são indisciplinados, acham que sabem tudo e não estudam; são prepotentes, pedantes e têm o rei na barriga. Compreende-se porque na estrutura policial brasileira ninguém tem tanto poder quanto um delegado de polícia. No Brasil, a estrutura policial é dupla, o que já cria uma tensão: a Polícia Militar, que chega primeiro às ocorrências, e a Polícia Civil, encarregada da investigação. O delegado tem esse nome porque recebe delegação do Poder Judiciário para investigar. Ocorre que ele se subordina ao Poder Executivo. Exige-se que o delegado seja bacharel em Direito, fato inédito no mundo. Ele é quem assina o inquérito policial, forma preliminar de instrução. No mundo inteiro, isso é feito pelo juiz de instrução ou pelo promotor.

Terça-feira, 22 de novembro de 2005

## no mínimo **Entrevista**

### **Por que no Brasil é diferente?**

Segundo meu colega Roberto Kant de Lima, essa distorção vem do Direito Canônico, do Tribunal do Santo Ofício, é uma tradição inquisitorial. Cabe ao delegado estabelecer a figura jurídica da acusação, sem que o suspeito saiba do que é acusado, exceto numa etapa posterior. É uma forma de se arrancar a confissão.

### **O senhor vinculou o aumento da violência policial ao surgimento do narcotráfico. No entanto, parece que essa associação é maior no Rio de Janeiro, em especial nas favelas. É correta essa percepção?**

Sim, e essa violência, que obviamente é praticada pelos dois lados, não pode ser atribuída apenas ao fato de a cocaína ser uma droga ilícita. Os varejistas do tráfico são pessoas que não têm nenhum horizonte de futuro; abandonaram a escola e a esperança, não querem ser como os pais, incorporaram uma concepção de vida que consiste em "viver tudo a que tenho direito, intensamente, agora". Querem especialmente o Poder total, que só se obtém à base da força, pelo uso ostensivo e cruel das armas, puxando adrenalina e sem medo de morrer. De certa forma é uma vida de aventura, o que o sociólogo francês Norbert Elias chama de "ethos guerreiro".

### **Como se dá a relação entre a comunidade e esse "guerreiro sem causa"?**

Quando o dono é nascido e criado ali, a relação é próxima, clientelística - que em nada difere da política brasileira. Quando ele não é do local, impõe o poder despótico, tirânico, e os moradores querem que ele morra. Mas de uma maneira geral hoje não existem mais figuras respeitadas e as comunidades estão cansadas do tráfico. Porém, ele continua a ser uma alternativa bastante razoável para os jovens que não querem ganhar salário mínimo. Não é, sequer, uma alternativa ao desemprego.

### **Há um gráfico, no livro, em que se explicam a hierarquia e a divisão das atribuições no tráfico do Rio de Janeiro.**

Essa estrutura pode ser decomposta em três níveis: no primeiro nível da hierarquia estão o *dono* e seus *gerentes*, potenciais herdeiros do *dono*. Num segundo nível estão os vendedores diretos (*vapores* e *aviões*) e os *soldados*; no último nível estão os *endoladores*, uma parte dos *aviões de ocasião* e os *fogueteiros*. Trata-se de um mercado de varejo, que funciona à base da consignação, de cima para baixo. O capital do *dono* é o seu contato com o fornecedor regular. Este é quem movimenta grandes quantias e tem as chamadas "ligações perigosas". Ele não integra a estrutura nem se subordina à hierarquia descrita no gráfico. É a figura que indica a fronteira entre o varejo e o atacado.

### **Trata-se de uma mercadoria econômica?**

Sim, mas também política. Como acontece em todos os mercados informais, este também está sujeito ao custo político de sua insubmissão à regulamentação estatal. Uma parte não desprezível do lucro obtido no comércio de drogas é gasta com a compra de "mercadorias políticas" como a libertação de traficantes presos, por exemplo. É um negócio lucrativo para os agentes policiais que participam desse mercado. São agentes do Estado que transacionam mercadoria política. A mercadoria política é uma herança do capitalismo político, que precede ao capitalismo moderno, na definição de Weber. Trata-se de produzir lucro pelo uso da força, do botim, da pirataria.

### **E o que se pode fazer contra isso?**

A cocaína era vendida livremente nas farmácias brasileiras até 1916. Existe até um livro muito interessante a esse respeito, "Vícios sociais elegantes". Senhoras da melhor sociedade abriam, nas casas de chá, a sua latinha da cocaína, pegavam uma pequena quantidade com a ponta dos dedos e a inalavam como se faz com o rapé. Tinha um efeito estimulante. Foi esse comportamento estimulante que começou a ser coibido, internacionalmente, por campanhas morais a partir da década de 1920.

A cocaína tradicionalmente era produzida no Peru e na Bolívia. O Paraguai e a Colômbia eram apenas distribuidores, até que este último resolve produzir. Dissemina a coca nas plantações da selva amazônica, aumentando a produção exponencialmente - e o preço cai. Se anteriormente era uma droga consumida apenas pelas elites, a partir dos anos 80 chega aos morros cariocas a preços vis. A cocaína não é mais perigosa que o álcool. O volume percentual dos consumidores é igual ao das outras drogas, como a maconha e os barbitúricos - estes, aliás, mais utilizados pela sociedade. É preciso reconhecer que aqueles que consomem o fazem porque precisam e vão consumir de qualquer maneira. O que se pode fazer é tentar reduzir o perigo a que se expõem. Chama-se a isso política de redução de danos, e já existem bem-sucedidas experiências em Amsterdã e Paris. Sou favorável à legalização das drogas se esta iniciativa levar a preços baratos. Neste caso, acaba o narcotráfico. Mas é fundamental que seja uma política de consenso internacional. Ou, então, que se proibam todas as drogas.

### **Qual a sua opinião sobre a questão das favelas?**

Terça-feira, 22 de novembro de 2005

## no mínimo **Entrevista**

A remoção das favelas é uma questão anacrônica, que não resolve o problema; pelo contrário, o agrava. Todas as remoções já efetuadas produziram outras favelas ou conjuntos habitacionais que se transformaram, também eles, em problemas sociais. Impor limites ao crescimento das favelas seria interessante, mas o Estado nunca conseguiu colocar limites. Para isso é preciso ter uma política habitacional preventiva. Para integrar a favela à cidade é fundamental examinar a questão do acesso. É ele que integra a área, permitindo o acesso da polícia, facilitando a circulação das pessoas e, assim, acabando com o domínio da área pelo tráfico. Para abrir acessos, tem que desapropriar, sim, pagando indenizações justas, e urbanizar.

Outro problema é o preconceito do morador do asfalto contra o morador da favela. As pesquisas indicam que 99,9% dos moradores de favelas são não apenas honestos e trabalhadores, mas têm princípios morais muito mais rígidos que os de muitos setores da classe média. Há pessoas que aderem ao tráfico, claro, mas os percentuais são os mesmos, no asfalto ou no morro. Não é algo exclusivo dos pobres.

### **Há quem tema que um dia "eles desçam"...**

Eles não vão descer. É do nosso imaginário achar que sim, e é o que nos faz torná-los em nossos adversários preferenciais.